

# Descolonizando a Antropologia de uma perspectiva diaspórica: a práxis de mulheres negras

**Sônia Beatriz dos Santos  
(UERJ)**

Ok, perfeito. Muito obrigada. Queria agradecer ao Osmundo pelo convite e dar meu olá pros colegas que estão aqui, professor Messias, Luena e Gilson. Que bom que eu consegui, eu tô no momento fazendo uma missão na Unilab, de São Francisco do Conde, junto com minha colega aqui, professora Maria Andrea dos Santos, e tava no caminho vindo pra cá e também vou compartilhar um pouco, rapidamente, são só vinte minutos, mas essa experiência que acho que tem tudo a ver com a questão que tá sendo colocada aqui. Então, muito obrigada, espero que dê tudo certo pra conexão aqui, tô conectada no celular e pelo computador. Bom, uma coisa importante até pra nossa questão aqui do descolonizando... Eu também ainda não, em alguns lugares eu ainda não atualizei, eu já não sou mais professora adjunta, sou professora associada, e isso é muito bom. Bom pra gente. Bom pra mim e bom pra gente também. Então, já cruzei esse caminho aí, mas tem lugares que eu ainda não atualizei. É razoavelmente recente a minha entrada como associada na UERJ.

Bom, dito isso, me sinto muito instigada pelo próprio tópico “Descolonizando o ensino de Antropologia na graduação”, pensando África e diáspora. Então a perspectiva que eu vou trazer aqui é da perspectiva da diáspora, da diáspora africana ou diáspora negra. Alguns colocam como sinônimo diáspora africana e diáspora negra. Tem controvérsias sobre essa

formulação dessa maneira, inclusive, porque eu estou muito provocada nesse momento.

Se vocês pararem de me ouvir, vocês me avisam, tá? Que eu tô com aqui o PowerPoint, a apresentação aberta, eu não vou exibir, é mais pra eu me guiar.

Mas muito interessante. A primeira coisa que eu cheguei aqui na Unilab de São Francisco do Conde e que eu notei foi um ambiente acadêmico que eu diria, pra mim, entre 90 e 95% negro, de afrodescendentes, que inclui a presença de afrobrasileiros e também de africanos nesse espaço. Eu ainda não fui à Redenção, à Unilab Redenção, também tenho uma amiga querida lá e futuramente pretendo fazer o mesmo processo, de intercâmbio de pesquisa que eu tô fazendo aqui com a professora Maria Andrea. Mas é impactante a gente chegar no *campus* e perceber essa mudança, que é uma mudança do pertencimento étnico-racial, da questão étnico-racial, mas também das diferenças relacionadas ao pensamento, à interação dos alunos. É o meu corpo se sentindo muito à vontade. Menos, obviamente, que tem questões aqui que a Unilab tem colocado sobre a questão dos enfrentamentos, das dificuldades de ser uma universidade com essas características, mas é um ambiente muito diferente, muito importante pra nós perceber isso. Então, é uma questão. Eu vim pra dar um minicurso, que eu vou falar já já, pra graduação. É uma graduação de alunos, evidentemente, na área de Ciências Sociais, mas tem também Pedagogia, e que cruza muito com as minhas questões, porque eu dou aula numa faculdade de Pedagogia, dou Ciências Sociais, Antropologia e Diversidade Cultural e Educação.

Então, eu queria dizer, pensando nessa questão da “Descolonizando o ensino de Antropologia na graduação”, eu inicio dizendo que essa descolonizando em termos de ensino de Antropologia na graduação precisa ser realizada à luz do racismo patriarcal cis-heteronormativo. A minha perspectiva de pesquisa tá muito ligada às lutas, a uma Antropologia pensada a partir das lutas sociais no pensamento e na práxis de mulheres negras, ou mulheres de descendência, de afrodescendentes. Então, nesse sentido, eu tenho me identificado com um fazer antropológico, ensino e pesquisa e

extensão também, totalmente interdisciplinar, onde se articulam as áreas de Educação e Saúde. Minhas principais referências, dentre tantas outras, mas minhas principais referências na Antropologia e/ou Ciências Sociais, e mais geral, nas Ciências Humanas, são a antropóloga afro-brasileira Lélia Gonzalez, a afro-americana Faye Harrison e a socióloga afro-americana Patrícia Collins. A historiadora, também, a historiadora Maria Beatriz Nascimento e a médica afro-brasileira Fátima Oliveira, que trabalhou no campo da bioética articulada às discussões dos Direitos Humanos, direitos reprodutivos e questões antirracistas e antissexistas.

Devido a minha inserção na formação psicanalítica, pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), para além de Lélia Gonzalez, que vai trazer questões fundamentais sobre a experiência negra com o racismo, explorando a psicanálise, eu também tenho como referências os trabalhos de Neusa Santos Souza e Virgínia Bicudo. E muito recentemente, eu comecei a investigar o trabalho do professor Tony, que está aposentado. Ele me foi apresentado pela professora Faye Harrison em algumas ocasiões de encontro. Ele é um grande amigo dela e ele é professor de Antropologia médica e foi diretor e fundador do Grupo de Análise de Sistemas Culturais, do Departamento de Antropologia da Universidade de Mérida. Ele atuou antes como chefe de Departamento, em 1987-93 e coordenou o treinamento de pós-graduação em Antropologia da Comunidade, Saúde e Desenvolvimento. Ele se doutorou, ele se formou em Sociologia pela (...), em 1965, eu não era nem nascida ainda, fez mestrado em Higiene e Saúde Pública e se tornou Ph.D. em Antropologia pela Universidade de Pittsburgh. E, desde então, a partir de 1988, ele foi pra (...), integrando o Departamento de Educação e Saúde, Escola de Saúde Pública, da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, e foi a partir de lá, ele se aposentou. Então eu só tô trazendo um pouco dessa, brevemente mesmo, porque o tempo é curto, dessa ideia, onde eu tenho desenvolvido essa, tenho articulado Antropologia, numa perspectiva da diáspora, transnacionalmente falando, e, sobretudo, da perspectiva das mulheres negras, mas

passei a incorporar também essas questões do professor Tony (...), por conta desse trabalho longo que ele tem, extenso. A gente vai trocar ainda mais, de inserir a Antropologia, inserir a higiene da saúde pública, saúde pública dentro da perspectiva da Antropologia.

Bom, eu escolhi, então, falar da proposta do webinar a partir da experiência recente que eu estou desenvolvendo, com a professora Maria Andreia dos Santos, aqui na Unilab, *campus* Malês, que é o minicurso que nós nomeamos de “A Antropologia e as lutas sociais no pensamento e na práxis de mulheres negras”, a partir da leitura de referências de intelectuais negras e das aulas de campo em comunidade afrodescendentes baianas. Esse curso se propõe, está se propondo, hoje a gente vai encerrar a aula se propondo a visitar, revisitar o pensamento e a atuação de mulheres negras no que estamos identificando como atravessamentos na Antropologia e nas lutas sociais. As aulas presenciais são aqui no *campus* Malês da Unilab, em São Francisco do Conde, onde a gente tá fazendo esse processo de revisão, então, como eu já descrevi. E as aulas de campo em comunidades consistem em intercâmbios de vivências e lutas das comunidades visitadas com nossas experiências enquanto professoras pesquisadoras e estudantes pesquisadoras, pesquisadores, que nos permitam pensar as noções de Antropologia engajada e Antropologia ativista em diálogo com os movimentos de mulheres negras. Nós visitamos duas comunidades quilombolas no município de São Francisco do Conde, que foi o quilombo Monte Recôncavo. Trocas de experiências. O que que ocorreu lá.

Trocas de experiências com a Escola Municipal Duque de Caxias de Educação Básica. É uma escola de Ensino Fundamental I que está dentro da comunidade quilombola, mas não é uma escola quilombola. Então houve uma fala das professoras, sobretudo da professora principal regente, que nos recebeu sobre essa questão das dificuldades aqui, de, mesmo dentro de uma comunidade quilombola, de trabalhar a perspectiva de uma escola quilombola. Então, elas tentam fazer todo esse processo de identificação histórico, cultural, trazendo elemento da formação da comunidade.

Mas elas não são, isso não faz parte, necessariamente, de uma proposta da escola enquanto instituição local. Pelo contrário, como são, só tem uma funcionária que é uma funcionária concursada, todos os outros quadros, incluindo professoras, direção, são quadros contratados, e, então, é uma questão de, se não me engano, de quatro anos. Então, elas não conseguem institucionalizar uma política quilombola, de educação quilombola, elas não conseguem assegurar isso para além da gestão delas e, dependendo da forma como ocorram as próximas gestões eleitorais, elas saem da escola. Mas aí tem toda uma articulação na comunidade pra garantir que os alunos da escola, professores, tenham uma vivência intensa com a cultura local, com a história local quilombola e da região do Recôncavo. Inclusive, uma das professoras escreveu um livro sobre a história da comunidade e sobre um pouco, uma luta dela pra trabalhar com outras questões da ação predatória de fazendeiros e empresas.

E a gente também visitou o quilombo Dom João, que é um quilombo que a gente pôde ver mais de perto o trabalho com a pesca de peixes da área, mas também do guaiamum, que é uma espécie de caranguejo terrestre que também é muito explorada. Tem muitos problemas pra sobrevivência do guaiamum por conta da exploração predatória de fazendeiros e empresas, por outras situações. Então, tem uma história muito grande desse quilombo de conservação, de preservação do ecossistema local e dessa luta dessas lideranças ali. Visitamos territórios e construções, caminhos e rotas de fuga. Foi um dia inteiro, inteiro, pro que era possível fazer nesse momento, mas a gente pôde ver ali rotas de fuga e construções que estão presentes no território desde 1618, no século XVII. Então, tem várias articulações. Nós também tivemos uma mestrandia deles aqui que tá se formando em Ciências Sociais e Educação, mas ela trouxe, ela tem um panorama histórico muito importante da comunidade, do Recôncavo em si, dessa parte aqui do São Francisco do Conde, dos quilombos. Então, foi muito interessante como uma revisita, em termos antropológicos, socioantropológicos e históricos. É, deixa eu ver aqui o meu tempo, tô aqui atenta ao tempo, mas qualquer coisa, por favor, você pode me interromper, Osmundo, porque eu tô com a

tela aberta, então não tô vendo para saber quantos minutos eu terei ainda para finalizar.

Então, nesse curso nós trabalhamos com algumas autoras. Trabalhamos com a Faye Harrison, trabalhamos com a Lélia Gonzalez, trabalhamos também com Beatriz Nascimento, trabalhos com a (...), que é uma afro-americana antropóloga, Beatriz Nascimento, uma historiadora brasileira, como já tinha citado antes. Eu não tô citando novamente que é pra economizar o tempo, vocês já tinham ouvido. Trabalhamos com Luciane Rocha, que é uma antropóloga também do nosso tempo, tá na Universidade de Kennesaw desenvolvendo o trabalho dela, e trabalhamos com Cristiane Santos Souza, que é uma professora aqui da Unilab também, São Francisco do Conde, daqui do *campus* Malês, e Mara Viveros Vigoya, que é uma antropóloga também e vai trabalhar com questões relacionadas à masculinidade. Então, foi uma primeira experiência que nós tivemos com esse trabalho, e ele foi muito importante pra nós nesse sentido, porque, como aqui nós temos alunos do quilombo de, segundo fomos informados lá pela professora Maricélia, lá na comunidade do quilombo do Monte, do Recôncavo, nós vimos que, ela informou pra nós que em torno de, tem vários estudantes aqui, tem também (...), então tem vários estudantes quilombolas que estão aqui na Unilab e que também participaram desse minicurso. E aí foi muito interessante perceber, conforme a gente ia conversando sobre as autoras e sobre os trabalhos, essas similaridades e diferenças. Esse é muito explorado na diáspora africana, era muito explorado no programa, o Programa de Diáspora Africana da Universidade Austin, dentro da Antropologia, essa questão das similaridades e diferenças, das diásporas entre as diásporas africanas espalhadas pelo mundo, mas também com o continente africano, pensando as várias sociedades, os vários grupos africanos. E ali foi muito importante, aqui tem sido muito importante eles trazerem essas memórias e compartilharem similaridades dentro do processo da diáspora. Então, a gente ficou muito feliz com a participação de, tanto dos estudantes afro-brasileiros quanto dos estudantes africanos de várias nacionalidades diferentes, e os estudantes brasileiros são também de vários grupos.

Quanto aos estudantes aqui, são estudantes afro-brasileiros de diferentes regiões daqui de Salvador, da Bahia, mas também fora. Encontrei um rapaz aqui que é de Nova Iguaçu, do Rio de Janeiro. Então, a Unilab tem muito a nos oferecer em relação a essa experiência de ensino descolonizado em Antropologia na graduação, e eu diria na educação também. Então, nesses cinco minutos, só explorando algumas questões importantes desse processo, Lélia Gonzalez, ela tem sido fundamental. Sempre foi fundamental, mas foi, durante muito tempo, marginalizada e camuflada e esquecida dentro da constituição das Ciências Sociais, da Antropologia. Então seu pensamento inaugura perspectivas que propõem essa descolonização do saber e da produção de conhecimento. Ela denuncia essa objetificação e a criação de estereótipos sobre as mulheres negras e pra pensar ali, já naquele momento, a questão do racismo patriarcal cis-heteronormativo. É muito importante a categoria americafricanidade, também eu considero como uma categoria importante dentro dessa perspectiva de trazer pra Antropologia o pensar a descolonização e pensar à luz desse racismo patriarcal cis-heteronormativo. Faye Harrison também já esteve no Brasil duas vezes e tem acompanhado de forma transnacional as questões da diáspora, então ela traz um pensamento que é muito importante de descolonização da Antropologia norte-americana. Ela tem trabalhado muito com esse descolonizar da práxis antropológica dentro da Universidade, mas sempre em articulação com o movimento de mulheres. Ela tem uma ligação muito forte com mulheres indianas, africanas e de algumas partes do continente americano. Que mais de importante? Ela tem uma produção muito importante que ainda não tá traduzida em termos de livros. Há iniciativas pequenas. Eu tenho um projeto que eu fiz algumas traduções de alguns materiais que eu começo a disponibilizar para serem utilizados nos cursos e onde for necessário. Mas é uma autora também obstatante importante que tem desafiado, desde sua entrada como estudante, como ela mesma vai contar na sua biografia, o status quo da Antropologia norte-americana com a fundação da Associação de Antropólogos Negros dentro da triple A, que é a ABA norte-americana, vamos dizer assim, tem sido muito importante, e ela tem desafiado o próprio

trabalho intelectual de mulheres afro-americanas dentro da própria, dos Departamentos de Antropologia da Universidade em questões em relações acadêmicas. Então, tem sido muito importante o trabalho dela.

Patrícia Collins, para terminar. Então, assim, você vai ter várias mulheres, como Patrícia Collins, como (...), como a ativista costa-riquenha Epsy Campbell demonstrando, a partir de seus estudos, tô finalizando, o legado de uma história de luta trazida por intelectuais feministas negras e não feministas, mas do movimento de mulheres contemporâneo que têm se esforçado pra identificar conceitos centrais pra pensar o mundo a partir do ponto de vista das mulheres negros. Então aí, em todas essas mulheres intelectuais afrodescendentes, pensando as Ciências Sociais, em especial a Antropologia, mas as Ciências Sociais como um todo e as Ciências Humanas, está presente um trabalho que visa trazer e pensar como novas epistemologias, como produção de conhecimento, o legado de uma história de luta, a natureza interligada de raça, gênero, classe e sexualidade, o combate aos estereótipos, a atuação como mães, professoras, lideranças comunitárias. Tem também uma política sexual que tá sempre trazida e mostrando, por fim, essa ligação, vou citar essa pra terminar minha fala, essas duas autoras pra terminar mesmo, viu, Osmundo? A (...) vai dizer que o movimento de mulheres negras nasce articulando raça, gênero, classe e sexualidade enquanto categorias políticas pra explicar a realidade das mulheres negras frente ao racismo, sexismo, fascismo e o heterossexismo. E a costa-riquenha Epsy Campbell, ela enfatiza o tempo todo nos seus trabalhos, desde sempre, que o racismo, e mais especificamente o modelo econômico racista, se constrói a partir do sexismo, no qual os poderes, os recursos se encontram nas mãos dos homens, sendo as mulheres praticamente propriedades dos homens, assim como as casas, as terras e os cavalos.

Então, essas mulheres escreveram na década de 70, 80, 90, mas a gente percebe, ao trabalhar aqui esse minicurso, nós estamos em 2023, que as mesmas questões, quando a gente vai visitar as comunidades aqui dos quilombos, a gente não pôde ir na Gamboa de Baixo, mas eu conversei com a liderança, por questões do crime organizado que dificultou a nossa

entrada. Houve mortes e situações difíceis, mas a gente percebe que essas questões, elas persistem, elas continuam. Então, pra nós, é muito importante essa articulação da Antropologia, das Ciências Sociais e das Ciências Humanas com esse cotidiano das lutas e uma produção de conhecimento que reflita esses conflitos, essas questões. Muito obrigada.